

Júlio Ventilari



julioventilari@acritica.com
@julioventilarioficial

CONVERSA COM JV

“O Papa fala que nossa casa é o planeta”

Em Roma, a cidade eterna, um sonho virou realidade para um amazonense, manauara, criado na religião católica, ex-aluno dos Colégios Dom Bosco e Christus, de Manaus, e Nossa Senhora do Carmo, de Parintins. Adelson Araújo dos Santos, ou simplesmente Padre Adelson, é sacerdote da Companhia de Jesus, a ordem religiosa, fundada no ano de 1534, por um grupo de estudantes da Universidade de Paris, liderados pelo espanhol Inácio de Loyola. Pe. Adelson graduou-se em Direito pela então Universidade do Amazonas (UA), em 1984, tendo estudado no tradicional prédio da escadaria dos remédios, no centro histórico de Manaus. Nesse mesmo ano, anunciou para sua família o desejo de entrar para a vida sacerdotal. Filho segundo do promotor de Justiça João Batista dos Santos e da dona de casa Teresinha Araújo dos Santos, foi aceito na Cia de Jesus, mesma ordem do Papa Francisco, de quem é admirador e defensor, até mesmo pelo carisma essencial dos jesuítas.

Depois de ter se graduado em filosofia e teologia, foi pra Roma, pela primeira vez, fazer mestrado e o doutorado na Universidade Gregoriana, uma das principais instituições de ensino superior da Igreja Católica, mantida pelos jesuítas. Depois de obter os dois títulos, passou um tempo em Manaus, onde ocupou o cargo de superior da Cia de Jesus na Amazônia. Mas a passagem pela capital italiana rendeu mais do que os títulos de mestre e doutor em teologia. Valeu o convite de assumir uma cadeira como professor na Gregoriana, onde já mora há seis anos.

Hoje, aos 59 anos, segue sua carreira cate-drática, aparecendo como um dos autores mais de destaque na área de espiritualidade inaciana, legado teológico deixado pelo fundador da Cia de Jesus que, por sinal, foi canonizado como Santo Inácio de Loyola, em 1662. Autor de três livros, o último foi lançado em outubro deste ano sob o título “Os passos espirituais do caminho sinodal” (editora Loyola).

Padre Adelson é o único brasileiro na comunidade dos padres e irmãos que trabalham e moram na Universidade Gregoriana, em Roma. Além de professor, exerce o cargo de diretor do Centro São Pedro Fabro, que trabalha na formação de lideranças nas casas jesuítas espalhadas pelo Mundo, como reitores de universidades e mestres de noviços. O amazonense é também o superior da comunidade, responsável por administrar o grupo de estrangeiros da universidade.

JÚLIO VENTILARI – Qual sua atividade na Universidade Gregoriana?
ADELSON SANTOS – Eu cumpro três missões principais na Gregoriana. Superior da comunidade de padres e irmãos jesuítas que trabalham na universidade. São 64 jesuítas. De segunda a sexta-feira, atendo a quem quiser falar comigo. Pela parte da manhã, sou diretor de centro de formação de novos formadores, reitores de seminários, mestres de noviços, mestradas de noviças para a vida sacerdotal e religiosa. Também sou professor de teologia espiritual. Nas outras partes do dia, continuo meus horários escrevendo algum artigo, continuando algum livro. Também faço caminhadas. Tiro momento pra cuidar fazer algum exercício físico. Celebro a missa todos os dias e faço minhas orações pessoais.

JV – que conhece da Itália? O que gosta da cidade de Roma pra fazer em dias de lazer? Qual sugestão para os brasileiros que visitam a cidade?
AS – Esta é a segunda vez que eu moro na Itália então, somando essa segunda vez, já são onze anos. Mas não foram suficientes para conhecer tantos lugares belos, históricos, cheios de tanta beleza natural quanto artística. A Itália é a capital do renascimento e o renascimento foi um período de grande embelezamento da arte, da cultura, da arquitetura, dos palácios, dos prédios, das igrejas. Então, a Itália é um país muito rico dessa diversidade de lugares bonitos, também cheio de montanhas, cheia de mares. Pra vc visitar a costa da Itália. Então, eu tenho aproveitando, quando posso, pra conhecer. Eu me interesso muito pela história, então aqui é um lugar privilegiado. Pra vc visitar castelos, antigos povoados medievais, que se conservam sem grandes alterações na arquitetura. A outra coisa de que a Itália é famosa é sua culinária. Então, dos laze-



Divulgação

res principais nossos, estando na Itália, é saborear a gastronomia italiana. A famosa pasta, que são os diferentes tipos de macarronadas, a famosa pizza, mas tantas outras coisas que a culinária italiana oferece. Especificamente sobre Roma, aos brasileiros que visitem Roma, além dos lugares turisticamente famosos, como Coliseu, Fontana de Trevi, etc., sugiro um passeio pela tarde à Vila Borghese, com direito a ver um pôr de sol muito bonito sobre a cidade. Uma volta à noite pelo bairro Trastevere, o mais boêmio de Roma. No domingo ao meio dia receber a bênção do Papa na Praça São Pedro e não deixar de visitar o famoso museu do Vaticano.

JV – O que guarda da sua terra natal? Algum símbolo especial?
AS – Bem perto da minha cama, eu tenho uma pequena bandeira do Brasil, ao lado dela, um porta retrato com a fotografia dos meus pais. No meu escritório, eu tenho diversos objetos que recordam, em especial a nossa Amazônia, mas também o nosso Brasil. Tenho o Cristo Redentor, símbolo do Brasil. Tenho um barquinho, que nós chamamos de motor. Tenho um boi Garantido, que meu irmão me presenteou, e vários outros objetos. Quem entra no meu escritório vai encontrar também um pouquinho da nossa cultura, representada nesses artesanatos.

JV – que mais sente falta da terrinha amazonense?
AS – Em primeiro lugar, logicamente são as pessoas. Nós, amazonenses, somos muito ligados às nossas famílias. É muito comum, termos casas dos nossos parentes, uma do lado da outra, então estar longe da família traz muita saudade. Logo depois disso, a nossa culinária, também. Apesar que a Itália tem uma culinária muito saborosa, mas eu sinto falta muito dos nossos peixes, principalmente do tambaqui, do pirarucu, do jaraqui, da sardinha e também o nosso churrasco brasileiro. E outros práticos muito típicos da nossa região: o tacaá, o vatapá e outras coisas mais.

JV – Como foi sua participação no Sínodos realizados em 2019 e este ano?
AS O sínodo é um organismo da igreja que o santo padre convo-



ca quando ele quer debater um determinado tema. Por exemplo, meu primeiro sínodo, ao qual eu fui convocado pelo Papa Francisco foi o sínodo sobre a Amazônia, em 2019. Agora, pela segunda vez fui convocado novamente para colaborar neste atual Sínodo que é sobre sinodalidade que significa caminhar juntos. Como a Igreja Católica pode caminhar junto, com todas as suas forças, com todas as suas expressões, o clero, as famílias, os jovens, os pobres, as diversas culturas, então, este Sínodo trata disso e, novamente, estou colaborando na qualidade de perito. Perito é (integrante) aquele grupo que fica à disposição dos organizadores do Sínodo, do Papa, dos Cardeais, que organizam, para tirar alguma dúvida para ajudar a esclarecer algum ponto sobretudo na área da Teologia ou do assunto que está sendo refletido. Assim como eu fiz com a Amazônia, agora eu faço com esse tema da sinodalidade porque também sou professor desta área.

JV – os momentos inesquecíveis de proximidade com o santo padre?
AS – O primeiro momento inesquecível foi quando eu o encontrei pela primeira vez, durante a Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro (2013). É inesquecível aquilo que eu ouvi quando me encontrei pela primeira com o Papa Francisco, e me apresentei como sendo da Amazônia. Ele olhou para mim e falou “a Amazônia está no meu coração”. Essa frase marcou, até hoje, eu recordo dela com muito carinho. Houveram outras oportunidades, mas neste atual Sínodo, eu tive um momento muito especial. Foi quando eu fui saudá-lo

e, no final, eu pedi a bênção dele. Eu me ajoelhei e ele colocou as suas mãos sobre a minha cabeça e me abençoou. Claro que essa bênção eu dedico a todas as pessoas que me acompanham na minha história sacerdotal, na minha vocação com suas orações e essa bênção, eu espero que chegue a cada uma delas.

JV – O que é para um padre brasileiro, nortista, conviver com outros sacerdotes de outros países?
AS Eu sou o único padre brasileiro, nessa comunidade, da qual eu sou superior. Somos muito poucos, também, da América Latina, de modo que o desafio é conviver com culturas muito diferentes das nossas. Temos colegas meus, que moram na mesma casa, que são de países da Ásia, países da África ou muitos daqui da Europa, da América do Norte. O desafio é um aprender com o outro. De estarmos abertos a aprender com a cultura do outro, ver que o Mundo é a nossa casa. O Papa fala que a nossa casa é o planeta Terra, que ele chama de Casa Comum. Então, nós temos que aprender nos enriquecer com a diversidade cultural. E claro que o nosso jeito de ser, amazônico, amazonense, manauara, acaba se revelando também. O jeito de acolher as pessoas, o jeito de mostrar nossa hospitalidade, o nosso calor fraterno que é típico da nossa população, da nossa gente e a gente busca fazer isso também na Universidade com os nossos alunos, com nossos professores e também entre nós, os padres.

JV – Como analisa o momento atual da igreja no papado de Francisco?
AS – O Papa Francisco é o primeiro Papa latinoamericano a ocupar o mais alto cargo de liderança dos católicos do Mundo inteiro. Assim como eu falava do nosso jeito amazônico, amazonense, ele tem trazido para a Igreja o seu jeito latino-americano. Não somente argentino, mas latino-americano. A experiência de ter sido arcebispo de uma cidade imensa como Buenos Aires. E o seu carisma pessoa, de ser um pastor próximo das suas ovelhas, de não ter distância do seu povo. Então tudo isso, ele tem nos ensinado muito. Ele tem provocado uma renovação na atuação pastoral da Igreja. Tem motivado os padres, os bispos, de serem mais próximos do

seu povo. A ser uma igreja que sabe dialogar, com todas as culturas, as regiões do Mundo inteiro e acho que é isso que ele já está deixando pra todos nós.

JV – Quais os desafios aos jovens de hoje que são próximos da igreja e pensam em entrar pra vida religiosa?
AS – O desafio de hoje é que vivemos num Mundo que nos oferece tantas opções, tantas possibilidades e nós, com a tecnologia atual, estamos o tempo todo interligados. Creio que, por um lado, o desafio é que o jovem saiba centrar sua vida naquilo que pra ele é importante, não só no imediato, não só nas coisas que passam, que são bens consumíveis. Mas que aposte a sua felicidade nas coisas que não passam, que são valores, que são momentos de vivências espirituais, que são algo maior que o Mundo pode nos oferecer. E que nós achamos que é Jesus, que é a “boa notícia” da presença de Deus no nosso meio. E que é cultivar também momentos de interioridade. Saber apreciar estar só. Aprofundar seu conhecimento com leitura e não viver só na superficialidade que, muitas vezes, ocorre quando nós ficamos escravos dessa tecnologia que é muito rápida, mas é muito superficial também. Ficamos só nas redes sociais, na internet, mas não aprofundamos nossas experiências.

JV – o papel dos meios de comunicação em um Mundo tecnológico onde as informações são ferramentas cada vez mais sociais?
AS – Ressalto a importância dos meios de comunicação na transmissão desses valores, desses princípios, na transmissão desses valores, desses princípios que ajudam a juventude, mas de modo geral, de todas as populações, de todas as culturas, que façam acreditar nesses princípios que valham a pena apostar. Acreditar no valor da família, no valor da solidariedade, valor da ética, no valor da família, da justiça, da honestidade, e o papel dos jornalistas é muito importante como difusores de tudo isso. Então, que Deus abençoe cada um no seu ministério, na sua vocação.